

EMOÇÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

**Professora de Psicologia da
Religião do ITESP.*

*Eliana Massih**

Resumo:

A a. a partir de experiências pessoais relacionadas a fenômenos religiosos, busca dimensionar os aspectos emocionais dos mesmos. Alguns elementos oníricos são apresentados e analisados a partir da vertente de seu significado psicológico e religioso, buscando-se integrá-los. São apresentados os desafios de compreender, elucidar e integrar a dinâmica emocional na experiência religiosa num sentido amplo.

Chaves:

Religião: psicologia, Experiência Religiosa.

Esta comunicação talvez assuma um certo ar de crônica ou quase um desabafo de uma psicóloga clínica que apaixonou-se desde jovem pela compreensão do fenômeno religioso. Naquela época fui alertada por meu pai que — surpreendido pela notícia de que eu queria estudar Teologia — afirmou com todas as letras de seu pragmatismo:

É muito bonito, mas o que você vai fazer com isso?

Libanês de nascimento, desde menino trabalhou como ajudante de farmácia e, tendo se tornado oficial provisionado por certa lei da qual não me lembro o número, seu modo pragmático se justificava por sua luta para sobreviver em uma São Paulo pós-guerra como estrangeiro e solitário. Paradoxalmente, meu pai era um homem bastante nutrido por suas experiências religiosas e sabia como fazer uso delas para nos passar ensinamentos e também para dar normas de conduta à sua vida.

Criado no interior de São Paulo até os 16 anos, sua vida social se assentava no vai-e-vem em torno do largo da Matriz.

de certas condições climáticas ou geográficas nos faz sentir mais tranquilos e integrados? Por que o sermão do padre nos emociona? Como somos tocados por suas palavras?

Para não dizer que só falei de meu pai lembro-me de fato recente com minha mãe: causou-lhe mal-estar o comportamento de certo padre midiático que benzeu os fieis com um balde de água e uma brocha usada para pintar paredes. O fato a perturbou de tal modo que precisou conversar com outro padre de sua confiança a quem relatou não sentir mais emoção ao assistir as tais missas. Algo se quebrou dentro dela e a sensação agora era de perda. Seria ela sensível além da conta ou, de fato, os objetos ligados ao religioso tem uma aura sagrada e precisam ser respeitados e venerados? Como adentrar as sutilezas do universo das experiências religiosas? Como e onde inserir o sagrado de modo que a pessoa humana se sinta colada a seu *self* divino de forma que o mesmo se acople a ela como pele, músculos e ossos? Como fazer da experiência religiosa algo que dê sustentação e sentido às situações de desamparo e fragilidade? Será que minha mãe estaria mais sensível no ano passado, por ter vivido a experiência angustiante de ver um filho seu com câncer? Ao que parece, as experiências religiosas se fundem com outras experiências de cunho mais amplo que dão um colorido ao ser e fazer da vida de cada um. Igualmente me parece que as experiências religiosas se presentificam num corpo que de algum modo está preparado para vivê-las.

Acompanhando pacientes religiosos pude observar também as variadas vivências de um mesmo carisma congregacional que, muito bem representado racionalmente, toma formas pessoais distintas e peculiares em cada membro matizando esteticamente seus modos de vida e estilo. Conseguimos até reconhecer um modo comum em membros de um mesmo instituto, mas, se o detectamos com muita facilidade, passamos a desconfiar: Este(a) religioso(a) está feliz e integrado(a) ou apenas se submete estando impossibilitado de criar? A pergunta de fundo é: suas emoções religiosas o estão levando para onde? E ainda, as emoções colorem seu dia a dia ou ele(a) está sufocado(a) por normas auto impostas e idealizadas?

Conectando ao paradoxo da vivência de meu pai, que era religioso mas não integrava este modo a totalidade de seu ser, poderíamos perguntar a um padre, uma religiosa ou a um(a) formando(a): Você já integrou suas experiências religiosas ao carisma e a missão de seu instituto? De que modo isto se deu? Esta integração se dá num *continuum* ou apresenta falhas ao longo do tempo?

Enquanto escrevia este texto tive um sonho e desejo contá-lo a vocês para que façamos juntos a escuta:

Estava no pátio do que parecia ser um colégio ou uma faculdade. Sinto algo em meu queixo e procuro um espelho. O que vejo é uma ferida e passo a observar melhor. A ferida não é bem no queixo e sim no centro do peito e ela começa se abrir, mostrando-me que estava encoberta por esparadrapo transparente, o que a impedia de cicatrizar. Observo aliviada que estou me curando e sei que devo atravessar a rua e dirigir-me a uma igreja. Após dar alguns passos reconheço a igreja em que recebi minha primeira eucaristia. A emoção me domina e acordo chorando.

Sei que a você, leitor, já surgiram algumas interpretações mas quero primeiro comentar que o lugar onde a ferida de fato se encontrava é onde fica o timo, pequena glândula ligada às emoções, à imunidade de nosso corpo e, portanto, às doenças de ordem psicossomática. O sonho fala também de orgulho, pois ao notar a ferida, imaginei que fosse no queixo e somente com a ajuda do espelho é que pude localizá-la. Será que eu andava de queixo erguido, preocupada com a ciência (prédio da escola) e me esquecendo das emoções religiosas (a igreja da primeira eucaristia?) e com isso *machucando* meu *self* ou parte de dele, exatamente aquela parte ligada às vivências religiosas? Que tipo de aviso é este que veio a partir de mim mesma na forma de ferida e choro e, principalmente, de um lugar esquecido na memória, ou seja, a igreja em que recebi minha primeira formação religiosa? Poderíamos também imaginar o que se passou entre a primeira eucaristia e a formação acadêmica propriamente dita. E talvez encontrássemos o mesmo hiato da fala de meu pai, ou seja, experiências religiosas até são desejáveis e acontecem mas não ajudam a constituir uma identidade sólida. Acho que chegamos ao ponto central de nossa conversa (ou solilóquio). É urgente que incluamos a emoção e, mais especificamente a emoção religiosa na constituição de nossas identidades tão rasuradas pela modernidade e novamente mal compreendidas em tantas vertentes da pós modernidade. Quantas vezes as seitas da chamada Nova Era não camuflaram o verdadeiro sentido das experiências dando-lhe uma tonalidade pós-humana (ou transpessoais, quem sabe?) mais voltada para os astros que para nossa natureza, suficientemente rica de significados e contendo em si mesma o modo próprio de ser religioso. Modo esse que possui substrato nas emoções e se contextualiza na elaboração dos sentimentos e *praxis* associados a escolha desta ou daquela religião.

Voltando ao sonho, este nos fala também de um ícone, o coração, como absolutamente apropriado ao que acontece conosco quando nos apaixonamos por algo/alguém ou nos indignamos diante de uma situação. A coisa passa pelo corpo

que pulsa e a emoção religiosa deve fazer pulsar a vida e irradiá-la como uma corrente elétrica. Talvez minhas palavras não falem tão bem da experiência vivida no sonho o que confirma a índole vivencial das emoção religiosa. Talvez a referência a um prédio (o da escola) e a outro (o da igreja) também possa parecer até piegas, mas o que foi por mim sentido e vivido certamente não é, ao menos no sentido pejorativo da palavra, piegas. Nas imagens oníricas, aqueles prédios me exalavam sentido e afetavam meu ser. Assim também se dá com o inefável da experiência religiosa, precariamente representada a posteriori.

Há ainda — e principalmente — a conotação de cura no espaço religioso em contraposição a descoberta do problema no espaço da escola. É como se a ciência fosse muito útil para levantar questões e propor explicações mas que a catarse curadora se dá mesmo na emoção e elaboração da vivência religiosa. Para comprovar, observemos o aumento assustador das novas seitas que propõem cura e, lidando com emoções básicas do ser humano, sem a menor cautela exploram o sentimento e as crenças de seus adeptos. No sonho, passado o espanto inicial, ou seja, a descoberta da ferida, somente no momento em que visualizo a igreja da infância é que ocorre a explosão (choro) libertando o *coração*.

Junte-se a isso o aspecto histórico/pessoal pois tratava-se da igreja de minha infância e não de qualquer outra conhecida ou desconhecida. Quero com disso dizer que o que emociona está muito mais próximo de nós que qualquer modelo institucionalizado possa conseguir.

Notaram também a postura de busca, o medo diante da ferida e a necessidade de espelho para algo que estava diante de meu nariz? Era só preciso abaixar a cabeça. Numa leitura corporal, precisei primeiro olhar para baixo (para o centro do peito) e então olhar adiante (a igreja da infância) e ainda precisei movimentar-me, ao caminhar com alguma dúvida inicial, até a igreja indicada. A experiência religiosa supõe e prepara uma busca que, não necessariamente é consciente. Pode estar esquecida ou camuflada dentro de nós. A emoção religiosa é também desejo e motivação. Desejo de sentido e pertença. Desejo de Deus.

Acredito que se o sonho tivesse sido sonhado por outrem, um cliente ou amigo(a), eu não teria me estendido tanto mas creio que nosso intuito aqui permitiu-me mais e mais divagações. Se fossemos cruzando as elaborações e acrescentando as emoções suscitadas por você leitor, estaríamos esmiuçando o impacto das vivências religiosas (ou do relato destas mesmas vivências) e compreendendo algo da constituição das seitas e novas religiões que emergiram ao longo da história da humani-

dade. De novo a analogia com uma corrente que expande as sensações suscitando novas emoções!

Some-se ao sonho um líder potencial, um contexto favorável e uma certa dose de doença mental estaríamos diante da possibilidade de uma idéia do tipo: tal igreja cura doenças podendo chegar a sutilezas como especificar a etiologia dos quadros patológicos para os quais ela é indicada. A fragilidade do humano e tudo o que esta fragilidade comporta de doentio podem se alocar numa experiência religiosa. Mas, igual e paradoxalmente, a mesma vivência pode gerar modos de conduta e rituais que levam a emancipação do humano e a criação de instituições altamente sincronizadas com a ética do cuidar e o caminho genuíno da transcendência.

De novo me confronto com a questão inicial: o que a Teologia tem a ver com tudo isso? Aonde está Deus ou a idéia de Deus? Ou, como perguntou meu pai:

É muito bonito. Mas o que você vai fazer com isso?

Bem, acho que esta é a tarefa dos teólogos, dos religiosos, das religiosas, dos presbíteros, dos jovens formandos que trabalham nas pastorais e de nós, representantes das ciências que querem escutar o fenômeno religioso no modo da possibilidade de emancipação do humano. Criar espaços de reflexão, acoplar a emoção religiosa a modos éticos e comprometidos com a realidade da pobreza e da miséria humanas. Falar a partir de uma falta que pede respostas urgentes mas que, paradoxalmente, é atemporal e tem todo o tempo do mundo para ir acontecendo.

Hoje em dia eu saberia o que responder a meu pai e o faço agora, a partir de minha fé pessoal. Podemos fazer muito com as experiências religiosas se as acoplarmos ao processo de amadurecimento humano em sua mais misteriosa face: a fé que cuida e promove aqueles que estão fragilizados mas que podem contar com outros que se indignaram e ergueram suas vozes, antecipando um mundo mais propriamente humano.

Esta crônica se estendeu, foi além do desabafo e deixou aberta uma nova questão. A pergunta de meu pai parece bastante atual e poderia ser melhor delineada se a ela se incluísse o fenômeno propriamente humano de experimentar emoções religiosas, de dar um sentido próprio à transcendência e acoplá-las à nossa humanidade. Mas isto excederia minhas possibilidades de reflexão e, por isso, convido um teólogo que é também psicólogo a dar, no próximo número desta revista, continuidade a esta corrente de elaborações baseadas na experiência do sagrado.